

102
País tem que triplicar investimento público em pesquisa em dez anos, diz presidente da Finep

‘É preciso valorizar a inovação’

Entrevista

Glauco Arbix

Fazer os jovens gostarem mais de ciência e matemática e investir mais em áreas nobres, de ponta: eis a receita do presidente da Finep para fazer o Brasil ser mais competitivo e brigar por mercados como fazem China e Índia

CRISTINA ALVES
O GLOBO

• Qual o balanço que o senhor faz de pouco menos de dois anos à frente da Finep?

Ao aceitar o convite do ministro (Aloizio) Mercadante, tinha na cabeça a ideia de que a Finep deveria ocupar um lugar fundamental na consolidação do sistema nacional de inovação. Temos de aumentar a taxa de investimento, que é de 18% a 19% do PIB. Assim, vamos sustentar o crescimento econômico, gerar emprego e renda, melhorar a vida das pessoas. Mas é preciso zelar para que esse investimento chegue às áreas críticas da economia, que geram maior valor e que permitem ao Brasil se ligar às cadeias globais mais relevantes, para gerar emprego de qualidade, criar uma engenharia mais sofisticada, mais físicos, químicos, matemáticos.

• O que é preciso para chegar lá?

Para isso, é preciso colocar pelo menos uns R\$ 40 bilhões do setor público em ciência, tecnologia e inovação. Isso é praticamente o que o setor público e o empresarial, juntos, investem hoje: 1,2% do PIB em pesquisa e desenvolvimento. Precisaria, pelo menos, triplicar isso em 10 anos. A Finep tem que multiplicar por cinco, seis vezes o seu orçamento. Hoje, ela investe R\$ 7 bilhões, R\$ 8 bilhões.

• Como a Finep está fazendo para levantar mais recursos?

Estamos encontrando outras fontes de recursos, mesmo com as restrições fiscais, que atingem principalmente o FDCT (Fundo Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico). Graças a um posicio-



LÉO MARTINS

Diferenças. 'A Índia é desestruturada institucionalmente e a China é desigual demais'

“Aquele que foge da competição acaba encontrando um refúgio no protecionismo”

namento muito claro, em especial da presidente Dilma, encontramos abrigo no Tesouro Nacional, no PSI (Programa de Sustentação do Investimento).

• Quanto a Finep está investindo?

Conseguimos cerca de R\$ 4 bilhões e, no mês passado, uma suplementação do Tesouro de R\$ 3 bilhões. Então, temos cerca de R\$ 7 bilhões para este ano, divididos em não reembolsável para universidades, não reembolsável para empresas (capital semente), crédito e subvenção econômica (fundo perdido) para as áreas de alto risco tecnológico. E este é o mais precioso investimento que a Finep tem porque é um recurso que vai e não volta, mas trabalha-se com contrapartida. Se a gente coloca R\$ 1, a empresa põe R\$ 1 ou até mais. Para encorajar as empresas a investirem em alto risco, aplicamos cerca de

R\$ 500 milhões/ano na subvenção econômica. Esse valor tem que subir.

• Recentemente o governo lançou o Inova Petro. Há outros projetos como esses saindo do forno?

O Inova Petro foi a segunda experiência nossa. A primeira foi no ano passado, lançada no BNDES: o projeto de Paiss, voltado para o etanol de segunda e outras gerações. O Brasil é muito competitivo no etanol de primeira geração, mas estamos disputando com o mundo inteiro o etanol de segunda geração, de base celulósica. Em 2011, abrimos um edital para projetos no valor de R\$ 1 bilhão. A demanda foi de R\$ 14,7 bilhões. No caso do Inova Petro, o foco é o pré-sal, são R\$ 3 bilhões, com R\$ 150 milhões de subvenção. A prioridade é o *downhole*, dentro do furo da perfuração, nas áreas de exploração e a prospecção de petróleo. Hoje esse mercado é dominado por multinacionais de tecnologia, como a Halliburton.

• E na área ambiental?

Na Rio+20, o ministro (de Ciência e Tecnologia, Marco Antônio) Raupp lançou o Brasil Sustentável, de R\$ 2 bilhões. A própria presidente Dilma deve lançar o edital neste semestre. Vamos apoiar projetos de ônibus com célula de hidrogênio desenvolvidos pela Coppe, outros de smart grid. E vamos também atuar na área de saúde e aeroespacial. No caso da saúde, o alvo são equipamentos médicos, fármacos, medicamentos. Na área aeroespacial, são projetos de combustíveis líquidos e sólidos, propulsores.

• Por que as empresas brasileiras investem tão pouco em inovação?

Como pesquisador, posso dizer que tivemos uma economia fechada por décadas, com competição controlada e diminuta, em que o objetivo básico era a industrialização pesada, com tecnologias voltadas para consumo. O automóvel, por exemplo, estava fora do Plano de Metas de Juscelino. Começou como um adereço e acabou permitindo ao Brasil ser mais contemporâneo.

• Há um problema cultural?

Quando você está mais preocupado com o mercado interno, em fazer a industrialização pesada, a compra de tecnologia acaba sendo a opção mais barata. O desenvolvimento tecnológico é custoso. Em decorrência disso, não tenho qualidade. Minhas universidades formam número reduzido de engenheiros.

• É mais negócio pedir proteção de mercado do que buscar parceria para inovar?

É, aquele que foge da competição acaba encontrando um refúgio no protecionismo.

• O Brasil tem como recuperar o tempo perdido e chegar de igual para igual com competidores como China e Índia?

Não tenho dúvida. Do contrário, não estaria aqui. Não há razão nenhuma para não acreditar. Raríssimos países têm uma Embraer, uma Petrobras. A China investe 1,6% em pesquisa e desenvolvimento. É muito mais do que nós? Percentualmente, não. O nosso é 1,2%. Do ponto de vista de volume, claro, a distância é gigante porque o PIB deles é bem maior. A China construiu uma indústria automobilística em dez anos, por exemplo. Ou seja, é possível. Mas o Brasil tem outras vantagens: é um país democrático, a China não é. Claro que eles executam as mudanças mais rapidamente, mas do ponto de vista da longevidade das mudanças, prefiro o Brasil. Em Xangai, a renda *per capita* é de US\$ 3 mil, US\$ 4 mil. Se você vai a 20km de Xangai, vai a comunidades em que a renda é de US\$ 300 por ano. É um choque. E o chinês também está vendo isso. A matriz energética da China tem mais de 50% de carvão. O Brasil tem a matriz mais limpa do mundo, tem 49% das terras agricultáveis. A China tem 9%. Você tem que dar de comer a esse povo.

• E a Índia?

A Índia investe 1,4% do P&D, pouco mais do que nós. É um país democrático, mas é institucionalmente desestruturado e não é só porque tem regiões tomadas pela guerrilha, por causa de uma geopolítica diferente, com Paquistão, Rússia, China e tem que desenvolver uma corrida armamentista de outra natureza. Mas não tem inclusão da sua população no sistema institucional.

• Por que o Brasil não consegue qualificar sua mão de obra para ser, de fato, competitivo?

Se a gente não tiver gente qualificada, não vai para a frente, não gera conhecimento. Uma boa parte dos alunos abandona os cursos diante dos desafios da Matemática, da Física, porque não consegue acompanhar o curso. Há contas de que o Brasil precisa de algo como 200 mil engenheiros só para o pré-sal. E hoje o país forma, por ano, 70 mil para todos os tipos de engenharia. É preciso despertar nas crianças, nos jovens, o interesse pela ciência e remunerar bem esse profissional no futuro. •